

OFICINA SOBRE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” EM ILHA SOLTEIRA-SP

Letícia Macedo Pereira¹

Jaurés Barbosa Guisard²

Maria Eduarda Valente Junqueira de Castro³

Ana Beatriz Miraldi⁴

Karina dos Santos Abreu⁵

Resumo

O Grupo de Agroecologia de Ilha Solteira (GAISA) foi criado em 2008 por estudantes interessados em difundir e fortalecer a Agroecologia na Universidade e na região do Noroeste Paulista. As Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) sempre fizeram parte do saber popular, mas o processo de seleção de determinadas plantas através do melhoramento genético para a alimentação, como o arroz, feijão, milho, alface, tomate, abóbora, etc, fizeram com que essas plantas fossem se perdendo na história da agricultura. Graças aos agricultores e agricultoras familiares esses saberes não foram completamente perdidos. Neste sentido o Gaisa sentiu a necessidade de trazer para a universidade esses mesmos agricultores para disseminar tais conhecimentos. O objetivo desse trabalho foi analisar uma oficina sobre PANCs, ministrada por dois agricultores familiares, para resgate desses saberes, buscando também aproximar os estudantes que compõem o grupo aos processos organizacionais e de extensão rural. Inicialmente fez-se a exposição teórica das principais PANCs, experiências no cultivo e na comercialização destas. Em seqüência demonstrou-se a prática, que ocorreu na fazenda experimental da Unesp, onde foi ensinado aos participantes a preparação de canteiros e o plantio de mudas, trazidas pelos agricultores. Ao final foi realizada uma avaliação pelos participantes. Observou-se que a oficina proporcionou a abertura do diálogo para troca de saberes entre os produtores e estudantes, para possíveis contribuições futuras, assim como para a formação acadêmica e profissional de todos os envolvidos. Os participantes demonstraram estar estimulados a utilizar o aprendizado adquirido.

Palavras-chave: Transição Agroecológica; PANCs; Biodiversidade; Agricultura Familiar; Extensão Rural Universitária

¹Graduanda em Zootecnia FEIS/Unesp

²Graduando em Agronomia FEIS/Unesp

³Graduando em Biologia FEIS/Unesp

⁴Graduanda em Biologia FEIS/Unesp

⁵ Graduada em Agronomia FEIS/Unesp

Introdução

Historicamente os profissionais em ciências agrárias, têm sido marcados por um ensino de caráter tecnicista, positivista e homogeneizador, o que em grande proporção foi potencializado pela ampla disseminação dos “pacotes tecnológicos desenvolvimentistas rurais baseados na chamada Revolução Verde. (SOARES, 2016). Um dos problemas desse modelo hegemônico é a supervalorização do conhecimento técnico-científico, caracterizando o ensino, a pesquisa e a extensão como processos hierárquicos e descompassados com relação à diversidade das realidades da agricultura familiar camponesa (SOUSA, *et.al.* 2013).

Ao contrário das formas compartimentadas de ver e estudar a realidade, ou dos modos isolacionistas das ciências convencionais, baseadas no paradigma cartesiano, a Agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo, tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura, como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, com uma abordagem transdisciplinar e holística. (CAPORAL, 2009).

A Agroecologia é entendida como um campo de conhecimentos, de natureza multidisciplinar, que pretende contribuir na construção de estilos de agricultura de base ecológica e na elaboração de estratégias de desenvolvimento rural, tendo como referência os ideais da sustentabilidade numa perspectiva multidimensional de longo prazo (CAPORAL *et al.*, 2006).

Muito é dito nas instituições de pesquisa, na mídia em geral, nas agendas políticas sobre biodiversidade brasileira, no entanto, pouco é feito com objetivos práticos de valoração e uso real dessa riqueza biológica. Estudos etnobotânicos são necessários para resgatar os conhecimentos populares e assim tentar estimular que as populações tradicionais (indígenas, quilombolas e/ou pequenos agricultores) continuem a valorizar seus alimentos locais e preservar suas sementes crioulas ou caboclas mantendo os recursos genéticos vegetais *in situ* ou *in situ on farm* (KINUPP, 2009).

O conceito de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) refere-se aquelas espécies cujas partes consumidas não são comuns ou convencionalmente conhecidas. Incluem-se todas aquelas espécies com tubérculos, caules, folhas, botões florais, flores, pólen e frutos potencialmente comestíveis, mas que não são reconhecidas como tal em determinadas regiões. Também são denominadas de culturas subutilizadas, as quais foram largamente utilizadas, mas caíram em desuso devido a fatores agronômicos, genéticos, econômicos, sociais e culturais. Na área de produção vegetal, as PANCs estão entre as espécies mais bem adaptadas, contribuem para a diversificação da produção, são mais resistentes a doenças e a mudanças climáticas, sendo, portanto, consideradas elementos da agrobiodiversidade, de grande importância na resiliência de agroecossistemas, especialmente os com produção de base ecológica e da agricultura familiar (BIONDO, 2018).

O desconhecimento sobre a utilidade e forma de uso das plantas associados às tendências “modernas” resultou no uso reduzido de muitas plantas que faziam parte do cotidiano alimentar dos moradores de zonas rurais e periferias urbanas, principalmente (MIRANDA, 2009). No contexto da economia familiar, Silva *et al.* (2005) destacaram a importância da taioba, ora-pronobis, serralha e mostarda como hortaliças não-convencionais, consumidas pelas populações rurais e urbanas, e que contribuem para complementar a alimentação e a economia familiar.

Diversas espécies ainda sub-exploradas da flora brasileira, podem constituir uma fonte de renda alternativa e uma opção de diversificação cultural, na atividade agropecuária, sobretudo na agricultura familiar. A maioria das plantas não-convencionais é desconhecida, e um reduzido número delas apresenta comprovação científica de suas propriedades. Para maior valorização das plantas tradicionais de uso popular são necessários conhecimentos técnicos sobre seu cultivo (MIRANDA, 2009).

Nesta perspectiva a agroecologia, enquanto um campo científico multidisciplinar, e também como uma prática em construção, se abre para o desenvolvimento de um trabalho de extensão rural crítico, participativo e emancipador. É importante salientar que a agroecologia não se resume à adoção de práticas de base ecológica, como por exemplo a agricultura orgânica, mas além disso, envolve também a busca de autonomia dos agricultores familiares do ponto de vista econômico, político e social.

O objetivo deste trabalho foi analisar uma oficina promovida pelo Gaisa - Grupo de Agroecologia de Ilha Solteira, ministrada por dois agricultores familiares, sobre PANCS (plantas alimentícias não convencionais). Buscou-se a prática do diálogo de saberes entre os agricultores e a academia, para capacitar os acadêmicos do grupo, para a formação por meio da ampliação de conhecimentos sobre a realidade dos agricultores familiares, e da prática de uma extensão rural participativa, crítica e sustentável.

O Gaisa – Grupo de Agroecologia de Ilha Solteira foi criado em abril de 2008, por estudantes descontentes com o ensino hegemônico e conservador praticado na universidade. O grupo desde então se reúne para debates acerca da agroecologia, estudos teórico/práticos, desenvolvimento de projetos, atividades e eventos. São feitos mutirões na área destinada ao grupo, e também tem sido desenvolvidas atividades no assentamento da região, com a participação de professores ligados a área de sociologia, pesquisa e extensão. O grupo desenvolve trabalhos visando o desenvolvimento rural, e uma extensão universitária sustentáveis, tendo como público alvo alunos, agricultores da região e também do assentamento localizado no município.

Metodologia

Este trabalho consiste no relato de uma experiência de planejamento e execução de uma oficina sobre PANCS (Plantas alimentícias não convencionais), realizada pelo GAISA – Grupo de Agroecologia de Ilha Solteira e ministrada por dois Agricultores familiares. A oficina foi dividida em duas partes, sendo teórica e prática. A parte teórica foi realizada no campus da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho de Ilha Solteira (SP), e a prática na área denominada “Pomar”, área que o grupo possui para realizar atividades práticas, localizada na fazenda experimental da faculdade. Houve a participação de alunos, produtores, professores e a comunidade local.

A metodologia do trabalho foi fundamentada na observação participante e revisão bibliográfica sobre o tema pelos autores do artigo, que também atuaram diretamente em todas as etapas do trabalho de extensão universitária.

Resultados

O planejamento para realização da oficina envolveu primeiramente a elaboração de um convite (Figura 1) para divulgação, que foi distribuído pelos estudantes na

universidade, nas feiras, no Assentamento Estrela da Ilha e também via internet pelo facebook.

Figura 1. Convite desenvolvido pelo Grupo Gaisa para divulgação da oficina.

oficina sobre:
PANCs
PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS

06/05 - SÁB
DAS 8:00 ÀS 12:00

PALESTRANTE:
AGRICULTOR ALDEMIR
DE OLIVEIRA

LOCAL:
CAMPUS II - BLOCO S

LOCAL DE INSCRIÇÃO:
CAMPUS II - MESA DA
FIGUEIRA

EMISSÃO DE CERTIFICADO
COFFE BREAK
SORTEIO DE MUDAS

R\$ 10,00

REALIZAÇÃO:


APOIO:

EcoZoo
soluções sustentáveis

Fonte: Autores do Trabalho, 2017.

A oficina foi organizada para se ter uma dinâmica que seguisse as premissas da Agroecologia, visando à construção do conhecimento a partir do diálogo dos diferentes saberes. Sendo assim, foi ministrada por dois Agricultores Familiares: Aldemir de Oliveira e Nelma Zini de Oliveira, atuantes no resgate e multiplicação de PANCS na cidade de Mirandópolis-SP. Inicialmente fez-se uma exposição teórica sobre: Importância do uso de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS); Morfologia e identificação de PANCS; Métodos de propagação e cultivo de PANCS; Reconhecimento de PANCS in loco e Características. As PANCS apresentadas durante a oficina foram: Ora-pro-nóbis; Bertalha; Capuchinha; Caruru; Araruta; Taioba; Inhame; Tanchagem e Beldroega. (Figura 2).

Figura 2. Apresentação teórica dos Agricultores Aldemir de Oliveira e Nelma Zini de Oliveira, durante a Oficina de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS), no campus dois da Unesp de Ilha Solteira.



Fonte: Autores do Trabalho, 2017.

Por último demonstrou-se as práticas para o preparo dos canteiros e plantio das mudas de PANCS que foram doadas pelos agricultores. Todos que estavam presente puderam participar (Figura 3).

Figura 3. Oficina prática dos Agricultores Aldemir de Oliveira e Nelma Zini de Oliveira, durante a Oficina de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS), no “pomar” da Unesp de Ilha Solteira.



Fonte: Autores do Trabalho, 2017.

Foi preparado pelos organizadores e servido aos participantes bolos, geleias, vitaminas e chás, todos feitos com PANCs, como coração de banana e torta de broto de bambu por exemplo, na preparação de pratos que fornecesse tanto nutrientes adequados a uma boa nutrição como também aproveitar daquilo que antes era desconhecidos pela maioria dos participantes.

Figura 4. Oficina prática dos Agricultores Aldemir de Oliveira e Nelma Zini de Oliveira, durante a Oficina de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS), no “pomar” da Unesp de Ilha Solteira. Alimentos feito com PANCs e servidas aos participantes durante o curso.



Fonte: Autores do Trabalho, 2017.

Considerações Finais

Observou-se que a oficina proporcionou a abertura do diálogo para troca de saberes entre os produtores e estudantes, para possíveis contribuições futuras, assim como para a formação acadêmica e profissional de todos os envolvidos. Os participantes demonstraram estar estimulados a utilizar o aprendizado adquirido. Dentre os resultados

positivos das atividades tem-se a valorização por parte dos acadêmicos e daqueles que participaram da oficina do valioso saber tradicional dos agricultores familiares.

Referências

KINUPP, V. F. Plantas alimentícias não-convencionais (PANCs): uma riqueza negligenciada. REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 61a, p. 4, 2009.

DE MIRANDA SOUZA, M. R. et al. O potencial do ora-pro-nobis na diversificação da produção agrícola familiar. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 4, n. 2, 2009.

BIONDO, E. et al. Diversidade e potencial de utilização de plantas alimentícias não convencionais no Vale do Taquari, RS. Revista Eletrônica Científica da UERGS, v. 4, n. 1, p. 61-90, 2018.

CAPORAL, F. R.; PAULUS, G.; CASTOBEBER, J. A. Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade. Brasília: DF, 2009.

SOARES, R. B. et al. Extensão rural em Agroecologia como ferramenta para construção do conhecimento agroecológico no Amazonas baseada no diálogo de saberes. In: Congresso brasileiro de agroecologia, 9., 2016.

SOUZA, R. P. et al. Fortalecendo territórios de vida: agricultores familiares e educadores unidos na construção da Agroecologia na Amazônia paraense. Revista Agriculturas, v. 10, n. 3, 2013.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, F. R. et al. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. In: Simpósio Embrapa. Brasília: MDA/SAF, 2009. Disponível em <[http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio%20em%20pc210%20\(Pc210\)/projeto/palestras/capitulo_29.pdf](http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio%20em%20pc210%20(Pc210)/projeto/palestras/capitulo_29.pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2018.